

VIGILÂNCIA, DISCIPLINA E CONTROLE DENTRO DE UMA SOCIEDADE TECNOLÓGICA: A QUESTÃO DA VIOLÊNCIA NA ERA INFORMACIONAL

JULIO MARINHO FERREIRA¹; LÉO PEIXOTO RODRIGUES²;

¹Universidade Federal de Pelotas – juliomarferre@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – leo.peixotto@gmail.com

Introdução

O presente trabalho é uma pesquisa a ser desenvolvida no Mestrado em Sociologia pela Universidade Federal de Pelotas. A área em que da dissertação é Sociologia da Ciência e do Conhecimento.

Procurou-se apresentar uma problemática dentro do que veio a ser chamado de sociedade “disciplinar” e do controle, e o paradigma de controle da violência, discutindo-as a partir de teorias que se propõem a debater os tipos de “sociedades” acima mencionada, para assim procurar traçar um liame conceitual. Que seria perceber como mudanças sociais que acompanham os desdobramentos tecnológicos acabam (não) por influenciar o modo como os indivíduos percebem a violência enquanto pratica social a ser extirpada de variadas áreas do cotidiano.

A discussão será pautada por discursos científicos e sociológicos dentro de um período que abrange os séculos XX e XXI. Serão discutidos os deslocamentos estruturais¹ em torno do discurso da violência. Nos dias de hoje com o problema latente do terrorismo, a sociedade requer o advento de novas possibilidades de vigilância e de controle, que tomam cada vez mais a privacidade dos indivíduos.

Além disso a sociedade tecnológica e seus desdobramentos ao longo do século XX dizem respeito ao modo em que o controle mediatizado pela crescente tecnologia que acabam por se relacionar com a violência. A partir disso, surge a emergência de observar possibilidades teóricas ao redor das formas sociais alteradas pela tecnologia. Para assim fazer paralelos entre os mutantes discursos da violência, da vigilância e do controle dentro da mesma sociedade tecnológica, explicando o que se propõe a ser uma pesquisa como esta.

¹ Como deslocamento estrutural em torno da violência, tomo como referência os modos que a tecnologia enquanto modelo para o progresso, procurou desenvolver melhores aparatos de vigilância e controle, que não portariam mais uma estrutura fixa.

Tecnologia e ciência enquanto formas de visão progressista, seriam a base da discussão da dissertação, assim caminhando até uma sociedade que parece preocupada com o entretenimento oferecido pela informatização. E que a violência dentro dessa sociedade parece ser um acessório a ser consumido ou usado como forma de controle.

A violência e a sociedade “disciplinar”, no modo de como as máquinas foram desenvolvidas para a controlar possíveis atos criminosos, ou até prevê-lo, os exércitos e as grandes mídias promovem o desenvolvimento de tecnologias de uma maneira cada vez mais veloz, uma superação *ad infinitum* parece ser o mote a ser seguido. Até que ponto a massiva informatização da sociedade não banalizou a violência, tornando-a mais um produto numa indústria de entretenimento e consumo numa sociedade pós-moderna. Que assim, culminam no novo terrorismo².

A violência na sociedade tecnológica parece não ser uma experiência limite ou risco (Beck, 1986), mas uma forma de entretenimento mediada pela informatização, nisso se insere as novas realidades e relações sociais que o trabalho pretende problematizar.

Metodologia

Os métodos a serem levados em conta e observados se pautam por ideias de pensadores principalmente dos chamados pós-estruturais e pós-modernos, e suas preocupações em dar uma roupagem nova ao modelo científico que já não dava conta de lidar com o conceito de verdade.

Dentro dos mencionados deslocamentos ao articular alguns discursos disciplinares e de controle social as relações sociais ditadas pela sociedade informacional e tecnológica parecem deixar frestas, e inseri-las na questão da violência e do entretenimento surge como meio de melhor discussão nas propostas empíricas.

Os desdobramentos empíricos são pontos ainda abertos, que neste momento ainda estão imersos na teoria.

² Como novo terrorismo tenciono trabalhar com agentes de terror cientes da tecnologia como ferramenta.

A mídia e a tecnologia que faz a sociedade paradigmática de uma forma diferente serão observadas, principalmente no que tange à violência enquanto relação e não como um fenômeno.

O poder exercido sobre os indivíduos ad aeternum tendem a puni-lo sem emprego de uma violência física (Foucault, 1999), mas antes de tudo o tornam consciente da vigilância, como podemos perceber nos programas desportivos...

Dentro das ferramentas a serem observadas na questão da violência e do entretenimento surgem as máquinas usadas na mídia, os veículos teleguiados como os *UCAV's* e *UAV's*, que ficaram conhecidos como *drones* e outras possibilidades serão buscadas. Como dito o empírico ainda está em construção, sendo que os conceitos de vigilância, controle e violência oferecem inúmeras possibilidades empíricas.

Resultados e discussões

As discussões dos riscos e dos limites da sociedade “disciplinar” e do controle nos leva até a problemática da violência enquanto entretenimento. E esses seriam os meios de solidificar bases teóricas da pesquisa, perceber a necessidade da inclusão do terrorismo que parece ter se adaptada à sociedade informatizada seria uma das mencionadas “frestas”. O desenvolvimento de mecanismos de análise de padrões de comportamento por parte de órgãos governamentais e o uso dos mesmos como formas de vigiar e controlar os indivíduos como meio de combater o terrorismo, torna qualquer um terrorista aos olhos dos governos. Como se deveria observar padrões e como usa-los, parece ser uma interrogação problemática.

Um outro momento de discussão que a pesquisa parece se encaminhar diz respeito ao *homo panopticus*³, que será uma espécie de *geist*⁴ do trabalho, o agente, o produto e o produtor, que consumiria e seria consumido ao mesmo tempo por essa sociedade da informação. A sociedade panóptica e a sinóptica⁵ aparecem como os lares do agente imerso e disperso.

³ De Argos Panoptes, monstro da mitologia grega que possuía mais de cem olhos, que o impossibilitaria de qualquer forma de descanso. Usado como metáfora de uma eterna vigilância.

⁴ Do alemão, espírito.

⁵ Conceito desenvolvido pelo sociólogo e abolicionista carcerário norueguês Thomas Mathiesen.

Conclusões

Como mencionado acima, a presente pesquisa não tem uma conclusão neste momento, está ainda em fase de busca a uma solidez metodológica e empírica. Como também está buscando novos aportes teóricos.

A parte teórica do trabalho por ser a base mais sólida, procura trazer a questão pós-moderna da violência dentro da sociedade disciplinar, e de controle (Deleuze, 1992), como um novo produto, que passa despercebido nas “prateleiras sociais”, e nisso podemos sentir uma profunda problemática a ser discutida. Como também a vigilância propiciada pela massificação de meios de comunicação através das redes virtuais na Internet não seria um deslocamento estrutural de uma sociedade disciplinar, mas sim uma questão de uma nova forma de violência que o terrorismo de uma sociedade informacional produz.

Como a ciência social e a sociologia procuraram observar o problema de violência além das estruturas fechadas, e como a tecnologia pode ter trazido uma nova possibilidade de observar e até prever atos criminosos seriam as questões a serem trabalhadas dentro da sociedade tecnológica.

Referências Bibliográficas

- BECK, Ulrich. **Sociedade de risco. Rumo a uma outra modernidade.** São Paulo: Editora 34, 2013.
- BENTHAM, Jeremy. **O Panóptico.** Belo Horizonte, Minas Gerais: Autêntica, 2008.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede V.1.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CHAMAYOU, Grégoire. **A teoria do drone.** São Paulo: Cosac Naify, 2015.
- COSTA, Rogério da. **Sociedade do controle.** São Paulo em Perspectiva, 18(1): 161-167, 2004.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir. Nascimento da prisão.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- DELEUZE, Gilles. **Post-scriptum sobre as sociedades de controle. IN: Conversações 1972-1990.** São Paulo: Editora 34, 1992. pp. 219-26.